

À CONVERSA COM...

ALBERTO DE CASTRO

PARA O ECONOMISTA A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES É UM PROCESSO NATURAL.

Alberto de Castro não tem dúvidas: o Ensino Superior está hoje bem melhor do que há 30 anos. Uma visão otimista que é, no entanto, temperada: **"Tenho sentimentos contraditórios porque, para além da investigação, nem sempre os incentivos estimulam o investimento na componente pedagógica"**. Uma realidade para o professor, quando o modelo de avaliação dos docentes está mais assente na investigação. **"Para quê perder dezenas de horas a atender alunos ou a fazer avaliações que ninguém reconhece, quando se pode fazer mais investigação?"**, ironiza.

É algo a que recomenda que se dê mais atenção e uma certa 'personalização', porque nem todas as instituições deverão seguir o mesmo modelo reconhece o director-coordenador do MBA Internacional da Católica Porto Business School, vice-presidente do Conselho Geral e de Supervisão da EDP, presidente dos Conselhos Fiscais da Mota-Engil e da Unicer para quem, no que respeita ao Ensino Superior é necessário identificar o que nos diferencia: **"É preciso definir prioridades. Não podemos jogar futebol de 11 se só tivermos dois jogadores. Nesse caso,**



O DIRECTOR DO CENTRO DE ESTUDOS DE GESTÃO E ECONOMIA APLICADA DA UCP

mais vale deixá-los integrar-se numa equipa internacional e um dia mais tarde, quem sabe, eles voltam e formam uma nova equipa", compara.

Refere-nos sectores em que as universidades portuguesas podem, e devem, dar um grande con-

tributo recuperando a tradição industrial do passado para garantir mais emprego: o calçado, o têxtil, a cortiça, a floresta e o vinho, a par do agroalimentar. **"Foi um erro a ideia de que a indústria era passado. Hoje é possível cruzar a indústria têxtil com tecnologias da informação, produzir tecidos inteligentes, nanotecnologias com 'chips', novos materiais, e aí podemos colocar-nos na vanguarda. O calçado tem conseguido fazê-lo, com uma indústria das mais modernas e mais 'sexy'"**, ilustra.

Defende que a internacionalização é tão natural como é hoje a mobilidade: **"Os docentes que estudaram lá fora e regressaram, 'estrangeirados', foram mudando o ADN das universidades, tornando-as mais internacionais. É o vá para fora cá dentro"**.

O 'vá para fora, lá fora' - diz - surgiu depois, sobretudo com a África e o Brasil. **"Angola, por exemplo, com o seu dinamismo, rapidamente se apercebeu de que tinha várias lacunas de formação que nós podíamos complementar. É uma consequência natural, mas não completamente coerente com o trajecto anterior, mais apostado em ciclos de excelência"**. Currículos centrados em língua inglesa, investigação focada em problemáticas de índole mais 'europeísta', não estão ainda totalmente adaptados aos novos alunos. A receita poderá resultar, conclui, nalguma frustração para estes estudantes quando se junta um carácter mais científico de algumas escolas ao pouco tempo dos docentes para acompanhar alunos menos 'excepcionais'.

Mário Lino